

Construindo Novos Saberes Para Uma (In)Formação Transdisciplinar: Relato de uma Experiência Educomunicativa

Manassés Morais Xavier*
Robéria Nádia Araújo Nascimento†

Índice

1	Introdução: a gênese do propósito	1
2	Educomunicação: campo multifacetado e espaço de desafios	4
3	A perspectiva transdisciplinar do conhecimento	7
4	O I EnEducom/UEPB: o relato de experiência de alguns eixos temáticos	8
5	Considerações Finais: a repercussão da construção de novos saberes	11
	Referências	12

Resumo

Este texto, ancorando-se no pensamento transdisciplinar proposto por Morin (2005, 2000), expõe uma experiência desenvolvida pela Universidade Estadual da Paraíba

*Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG; Graduado em Letras (Língua Portuguesa) e Comunicação Social (Jornalismo) pela UEPB; E-mail: manassesmxavier@yahoo.com.br. Universidade Estadual da Paraíba.

†Professora do Curso de Comunicação Social da UEPB; Doutora em Educação pela UFPB; E-mail: rnadia@terra.com.br. Universidade Estadual da Paraíba.

(UEPB), referente ao I Encontro de Educomunicação (EnEducom), enfocando o hibridismo que perpassa esses campos. Entre as temáticas abordadas na ocasião destacamos: comunicação e educação; caminhos metodológicos rumo à pluralidade teórica; saberes populares e diversidade cultural; espaços de diálogos e socialização do conhecimento no campo da comunicação, entre outros. Numa sociedade atravessada pela convergência dos meios de comunicação e suas múltiplas configurações, torna-se oportuno refletir sobre as questões emergentes que envolvem as ações educativas e as práticas comunicacionais, a fim de fazer avançar a compreensão de suas possíveis interfaces.

Palavras-chave: Educomunicação; Transdisciplinaridade; Ações educativas; Práticas comunicacionais.

1 Introdução: a gênese do propósito

O I Encontro de Educomunicação da Universidade Estadual da Paraíba (EnE-

ducom/UEPB)¹, realizado no período de 22 a 25 de março de 2011, instaurou na esfera acadêmica reflexões provocadoras e inauguraiais sobre a interconexão entre os campos da educação e comunicação, promovendo a interação entre alunos, docentes e profissionais dessas áreas do conhecimento. A concepção do evento emergiu das demandas resultantes de um tempo em que a comunicação perpassa todas as instâncias sociais, interferindo, sobremaneira, nas ações que se desenvolvem nos espaços educativos.

Desse modo, as discussões que fomentaram o encontro foram pensadas sob o fio condutor das perspectivas freireana (1983) e moriniana (2000) que entendem o ato de educar como uma possibilidade dialógica, permitindo a interação de sujeitos interlocutores, que buscam juntos a significação do que aprendem e atribuem novos sentidos aos saberes vivenciados. A educação é dialógica em sua essência, logo as aprendizagens da vida podem ser momentos de observação e reflexão, “fontes de compreensão de processos, potencialidades para eventual inclusão nos espaços do ensino elementos de interação e recepção de formações educativas que as estimulem” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 45). E os saberes comunicacionais, por sua vez, não apenas podem *informar*, como *formar* sujeitos críticos do seu papel no mundo.

Pensar em Educomunicação (SOARES, 2011) como uma vertente teórica em gestação, que visa superar as dualidades con-

¹Evento promovido pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, organizado, cientificamente, pelas professoras Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento e Ma. Maria de Fátima Cavalcante Luna e pelo, até então, graduando em Comunicação Social Manassés Morais Xavier.

ceituais que porventura ainda possam existir entre os dois campos, significa trazer para o debate acadêmico ângulos de interfaces capazes de promoverem tanto a ação como a reflexão em torno dos meios comunicacionais e seus dispositivos tecnológicos, buscando perceber como ocorre a transposição das áreas para além da utilização desses meios como meros suportes auxiliares no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo tal raciocínio, como seria possível estabelecer os contornos de um debate voltado para um pensamento transdisciplinar e complexo (MORIN, 2005)? Pois, na nossa ótica, uma proposta da conexão entre esses âmbitos envolve mais que uma junção entre áreas: não se trata de unir o que aparentemente existe separado, mas fomentar um pensamento que atravesse os caminhos, criando novas bifurcações e alianças (PRIGOGINE; STENGERS, 1997), novos modos de ver a ação educativa como fluxo comunicacional capaz de notabilizar diferentes saberes e competências já presentes nas individualidades dos sujeitos sociais, seres comunicativos em sua essência. Nessa dinâmica, a comunicação seria para a educação como uma ponte que assegura uma travessia sem percalços e vice-versa. Ou ainda, considerando-se o dizer filosófico de Heidegger, uma ponte que reúne enquanto passagem que atravessa.

Sob o foco deste raciocínio, elencamos os eixos temáticos que poderiam materializar uma proposta de discussão no rastro de uma desejável transdisciplinaridade. Entre mesas-redondas, palestras e defesas públicas de trabalhos acadêmicos de conclusão de curso conduzidos por docentes-pesquisadores dos referidos campos, a

agenda do evento obteve a seguinte sistematização:

Na solenidade de abertura, dia 22/03/2011, houve a realização do eixo temático intitulado de “Comunicação e educação: caminhos metodológicos rumo à pluralidade teórica”. Nesse sentido, ocorreram as palestras do Prof. Dr. Luis Custódio da Silva (UEPB), cujo título “As múltiplas funções e aplicações possíveis da educomunicação na sociedade contemporânea”, e da Prof^a Ma. Danielle Andrade Souza (UFCG), que falou sobre “Educomunicação: a construção de uma nova profissionalização”.

O segundo dia do encontro compreendeu o desenvolvimento das discussões relacionadas aos eixos temáticos “Educomunicação: democratização e desafios da interdisciplinaridade” e “Saberes populares e diversidade cultural: dilemas e propostas”, manhã e noite, respectivamente. No primeiro eixo foi realizada a mesa-redonda com a participação da Prof^a Dra. Sandra Raquew dos Santos Azevêdo (UFCG) – “Educomunicação e políticas públicas” – e da Prof^a Ma. Luciene de Almeida Santos (UEPB) – “A importância das multimídias e suas interfaces a favor da educação”. No segundo, as palestras da Prof^a Ma. Maria de Fátima Luna (UEPB) e da Presidente da APAE/Campina Grande, Margarida da Motta Rocha, – “Assessoria de Comunicação numa ação junto à APAE/Campina Grande” –, bem como do Técnico Administrativo da UFCG e “Contador de Casos”, Horácio de Almeida Lima, que intitulou sua apresentação com a mesma denominação do eixo temático a que se filiava.

Com relação ao terceiro dia do encontro destacamos o eixo temático “Espaços de diálogos e socialização do conhecimento no

campo da comunicação”. Pela manhã, houve a mesa-redonda que reuniu as participações da Prof^a Dra. Goretti Sampaio (UEPB) – “O rádio no contexto da educomunicação: relatos de experiências” –, e dos jornalistas Shirley Guerra – “Cidadania nas ondas do rádio: experiências do programa Geração Infantil” – e Geovanne Santos – “Debate Integração: uma prática educacional no rádio campinense”. No período da noite ocorreram as defesas públicas de trabalhos de conclusão de curso dos graduandos em Comunicação Social pela UEPB Iolanda Paula de Lima Brito Mata – “Em pauta: educar com e para mídia” – e Manassés Moraes Xavier – “Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educacional” –, ambos orientados pela Prof^a Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (UEPB).

Já no dia 25/03/2011, pela manhã, houve a mesa-redonda vinculada ao eixo temático “Jornalismo especializado nas interfaces com a educação”. Participaram da mesa a Prof^a Ma. Giseli Sampaio (UEPB) – “A ressignificação dos apelos midiáticos enquanto instrumento de formação educacional: um olhar sobre a produção cultural em Campina Grande” – e o jornalista Edckson Félix – “Especialistas do Real: a crítica cinematográfica e a divulgação de documentários”. No encerramento do encontro, no horário noturno, foi realizada a discussão do eixo temático “Saberes transversais à luz de uma educação para a liberdade”, com as seguintes palestras: “Morin e Freire: aproximações educativas”, proferida pela Prof^a Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (UEPB), “Diálogos interculturais com a literatura de cordel: tessituras de uma ecologia de saberes”, ministrada pela Prof^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB) e

“Lições de gramática em versos de cordel: uma experiência lúdica em sala de aula”, apresentada pelo professor de cursinho pré-vestibular e poeta popular, Janduhí Dantas.

Assim, o presente texto apresenta o relato dessa experiência, destacando as contribuições dos participantes do encontro, ao mesmo tempo em que expõe alianças teóricas pertinentes e convergentes para ampliar nossa compreensão sobre essa problemática que interessa às questões que permeiam a sociedade contemporânea. É importante destacar, também, que durante o I EnEducom/UEPB ocorreram apresentações artístico-culturais.

2 Educomunicação: campo multifacetado e espaço de desafios

As áreas da comunicação e da educação constituem interferências significativas no processo simbólico/prático das atividades do ser humano em sociedade. Na concepção de Braga e Calazans (2001), o campo educacional se coloca como questão central no desenvolvimento das novas interações da comunicação social. A cada invenção tecnológica, por exemplo, a sociedade atribui aos processos comunicacionais, desenvolvidos em torno da invenção, uma expectativa educacional. Paralelamente, a questão comunicacional, para além de seu espaço próprio, interessa a todas as demais atividades humanas. Pode-se dizer assim que “os dois campos se investem de uma competência para tratar de todas as coisas do mundo físico ou social – segundo as perspectivas de seus próprios objetivos e processos

(...) e se invadem mutuamente” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 10).

Desde que o termo Educomunicação surgiu em 1999, a fim de configurar um novo campo de intervenção no espaço público da sociedade, uma preocupação conceitual acompanhou as primeiras discussões dos especialistas, pertencentes ao Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, entre os quais destacamos os trabalhos do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, publicados em periódicos científicos e livros. Aliás, foi nessa instituição que foi criada a primeira Licenciatura em Educomunicação do país.

Existiria, naquele momento, uma definição adequada, capaz de expressar o diálogo suscitado pela nova palavra? Diríamos que não existe uma perspectiva engessada, no sentido cartesiano, capaz de dar conta da amplitude de sua pretensão, uma vez que o conceito está em constante (re)avaliação e (re)invenção, ao propor uma práxis de ação social que articula processos educacionais e comunicacionais na tentativa de contribuir para a compreensão da dinâmica do mundo contemporâneo. Um mundo que se vê atravessado por fenômenos comunicacionais que instituem o signo da velocidade como razão que influencia as ações sociais.

Nesse sentido, o conceito vivencia uma reconstrução permanente, porque não se atrela somente à esfera reducionista da utilização dos meios nos espaços educativos. Em outras palavras, não se “aplica” a Educomunicação, mediante fórmulas didáticas prontas, mas se “vive” processos que geram práticas educacionais, a partir do exercício de reflexão do papel da educação na tarefa de favorecer a comunicação dos seus saberes na sociedade. Ainda que admitamos que uma

definição se torna insuficiente para explicar essa vertente teórica, apresentamos os pressupostos que Soares (2011) se apropria para se referir às articulações necessárias para o entendimento do novo campo:

1º – A noção de *diálogo* como ponto de partida, uma vez que a educação só se torna possível enquanto ação comunicativa. É a comunicação que empresta à educação sua identidade de formação. Toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio de sentidos – é, em si, uma ação educativa. Percebemos, nesse primeiro momento, uma referência clara ao pensamento freireano, que defendeu o diálogo como elemento gerador de uma educação para a prática da liberdade. Assim, uma comunicação participativa no ambiente educativo, através de múltiplos recursos informacionais, pode ampliar as condições de aprendizagem, desde que os sujeitos do processo ajam em real interação, engendrando um esforço multidisciplinar para o alcance de tal objetivo;

2º – A noção de *interface*, representando o entrecruzamento dos âmbitos educativo e comunicacional, que podem se entender como fenômenos distintos com suas especificidades, mas cuja interconexão decorre das próprias exigências da vida em sociedade. A comunicação atua, através de seus dispositivos e artefatos culturais, na cena educacional e a educação, por sua vez, analisa criticamente os conteúdos comunicacionais, fazendo dessa imersão no campo uma possibilidade de promover aprendizagens para além dos métodos escolares formais;

3º – A noção de *educomunicação* nas instâncias práticas do cotidiano educativo. A esse respeito, o autor sugere ir além da ideia de contrapor ou aliar os âmbitos referidos, convocando-nos a refletir sobre: a *gestão*

escolar, no sentido de avaliar os processos de comunicação que ocorrem na escola; a *esfera disciplinar*, para que a comunicação ocupe seu lugar como linguagem multifacetada nos conteúdos escolares; a *esfera transdisciplinar*, propondo que haja uma adequada apropriação das linguagens midiáticas na produção de novos conhecimentos, incluindo-se a elaboração de encontros, seminários, congressos, que mobilizem a sociedade para essa questão do diálogo necessário entre os campos – e aí enfatizamos o I EnEducom da UEPB;

4º – A formação do *educador*, que deve ser derivada das demandas da sociedade, no sentido de habilitar os sujeitos e capacitá-los para lidar com os desafios impostos pelas novas linguagens. Isto supera o treinamento instrumental em torno das novas tecnologias para suscitar uma formação que inclua o conhecimento sobre a cultura midiática contemporânea, levando-os a compreender e a contextualizar os impactos da comunicação na sociedade (SOARES, 2011, p. 17-19).

No raciocínio apresentado por Soares (2011), percebemos que o entrelaçamento dos campos é evidente. Daí, ter surgido uma proposta conceitual que os unisse, sem sequer um hífen que pudesse separar as duas palavras. Emergindo hoje, inclusive, uma nova profissão no mercado globalizado: a do educador, conforme mencionamos acima.

Entretanto, tal associação de cunho epistemológico não ocorre desprovida de atenção metodológica. Desde Mario Kaplún (MELO et al, 2006), pioneiro nesses estudos e importante nome no cenário latino-americano da comunicação, a perspectiva de formação do público usuário dos meios massivos sem-

pre constituiu um instrumento de possível construção da cidadania. Logo, o autor investiu nessa parceria que busca unir os campos mediante a intervenção social e o protagonismo dos diversos segmentos da coletividade, numa proposta inspirada na bandeira de resistência do educador Paulo Freire, no que diz respeito à luta pela inclusão democrática dos sujeitos.

Foi Kaplún que, numa trajetória social ativa de combate à marginalização, colocou a educação libertadora delineada por Freire ao alcance de receptores alternativos que instituíram novos modos de comunicar e emitir mensagens num prisma de bilateralidade. Ou seja, na conjunção dos campos educação e comunicação, é possível instituir-se, nos espaços urbanos e rurais da sociedade, periféricos ou não, novas formas de saberes para além do saber instituído pela escola.

Isso implica admitir que não apenas a escola se configura como matriz social habilitada para a formação dos sujeitos, sendo facultado a estes desenvolver também uma consciência crítica a partir do conteúdo divulgado pela mídia: aprender com a mídia, no sentido de intervir, em algum momento, na produção dos meios, seja um jornal ou uma rádio comunitária; seja um *blog* na internet. Significa ainda perceber nas ações educativas os eixos comunicativos necessários. A educação comunicante, no arcabouço teórico/antropológico de Kaplún, pode gerar indivíduos mais capazes de pensar o mundo e sua própria educação, com o propósito de favorecer um legado de justiça social às futuras gerações.

Neste campo de travessias conceituais multifacetadas, importante se faz compreender a noção de interdisciplinaridade. Para Fazenda (1979), o pensar e o agir inter-

disciplinar se apóiam no princípio de que nenhuma fonte de conhecimento é, em si mesma, completa, e de que, pelo diálogo com outras formas de conhecimento, de maneira a se interpenetrarem, surgem novos desdobramentos na compreensão da realidade e de sua representação. De acordo com a autora, o caráter interdisciplinar de observação de um campo inicia-se pelo esforço de associá-lo a outros campos, na busca de uma visão global que pretenda incorporar vários aspectos de uma mesma realidade, embora estes se apresentem distantes entre si. Trata-se de um exercício de compreensão processual de uma dada área, que não tem ponto demarcado, mas planeja uma articulação de suas partes.

Japiassu (1976) vai além e investe na unidade do saber, visando a superação da visão fragmentada dessa mesma realidade, espaço no qual cada um vai construindo uma metodologia pluralista caracterizada por uma crítica constante. “Um movimento de saber orientado pela busca permanente de relações recíprocas de conhecimento, de modo a deslocar suas fronteiras. Um movimento de convergência ligado ao da ação ou da decisão” (JAPIASSU, 1976, p. 32).

Nesse sentido, não se faz interdisciplinaridade; não se aplica um método de ação interdisciplinar, mas se pensa, se age, se constrói posturas de convergência que unem os diversos campos do conhecimento. Trata-se de se buscar compreender a possibilidade defendida por Soares (2011), ao afirmar que a educomunicação não é apenas uma disciplina ou um procedimento, mas um paradigma de ações transformadoras que repercutem na dinâmica social e que requerem vivências processuais, corrigindo-se e refazendo-se.

3 A perspectiva transdisciplinar do conhecimento

Na visão moriniana (2005), e na de todos aqueles que comungam da esperança de uma racionalidade aberta, os vínculos entre o autoconhecimento, a transversalidade dos saberes e as diversas formas de conhecer podem engendrar novos aprendizados do estar no mundo. Estes “aprendizados” testemunham, talvez, que a complexidade da educação se reflete nas relações humanas e comunicacionais, e estas são desenvolvidas em meio às incertezas, às respostas parciais e, sobretudo, através de um livre pensar que se ressignifica e se reconstrói a cada dia, trazendo para os campos da educação e da comunicação novas questões e requerendo novas atitudes.

Desse modo, tanto a educação como a comunicação parecem conter em si mesmas a pluralidade inerente aos novos tempos e, no nosso entender, necessitam de novos referenciais teóricos, numa perspectiva transdisciplinar, que considerem uma visão globalizadora do contexto do mundo e que possam defender a interdependência entre os fenômenos sociais, a fim de transpor olhares fragmentados e estáticos para os processos coletivos. As interfaces entre os campos sugerem um novo pensar sobre as condições emancipatórias do próprio conhecimento humano, deslocando-se do viés prescritivo e normativo que parece perpassar a nossa educação formal.

Os apelos do “saber” para ser visto como algo inerente ao humano parecem requerer uma inteligibilidade capaz de transcender esquemas mecanicistas de análises simplificadas. Panorama que nos leva a inferir que a proposta de uma educação comuni-

cacional e de uma comunicação educativa não se mostra necessária apenas no âmbito científico ou nas discussões de cunho acadêmico. O próprio cenário contemporâneo parece suscitar o desenvolvimento de uma inteligência convergente, ao pressupor a formação de seres humanos cada vez mais atentos para as questões de ordens científica, ética, social, histórica, política, cultural. Seres humanos que possam partilhar com seus semelhantes novos significados de uma educação emancipatória, que passa, sobretudo, pela necessidade de se dialogar com outros campos de aprendizado.

Se atentarmos para esta perspectiva, perceberemos que, na sociedade hodierna, mais do que em outras épocas, comunidades globais e locais são conduzidas a se posicionar diante de questões que lhes concernem, criando uma espécie de democracia deliberativa, onde os fóruns de debates são intensificados. Tais debates implicam a dialogicidade já proposta por Freire (1983).

Essa democracia dialógica guarda tentativas de se construir espaços de liberdade e de manifestação de pensamentos menos dependentes das políticas públicas e mais ligadas às posturas de cada sujeito. Tal contexto supõe um momento privilegiado para se observar que o enriquecimento sócio-cultural parece estar atrelado aos vínculos solidários, auto-organizados e coletivos, capazes de gerar relações humanas mais produtivas, permitindo a emergência de uma nova racionalidade sobre o mundo mais condizente com este momento histórico-social.

Tudo leva a crer que não é apenas o núcleo acadêmico, através dos sujeitos educativos, que se mobiliza diante deste contexto propício para a transdisciplinaridade; e nem somente os pesquisadores das ciências “hu-

manas”, como os do campo da comunicação, que investem nessas parcerias, mas são todos aqueles que se voltam para a possibilidade de uma inteligência “socialmente” construída, coletivamente, preocupando-se com essa necessidade. Para citarmos um exemplo dessa perspectiva dialogal que busca juntar os campos, o âmbito das ciências “exatas”, formado por áreas não tão exatas como se pretendiam, mistura-se, interage com as ciências biológicas e da terra, permitindo a percepção de que a demarcação “oficial” dos “campos” do conhecimento parece estar em vias de desmoronamento.

Por isso, Morin (2000) enfatiza a necessidade da religação dos saberes, criticando a disciplinaridade fechada, as normas simplificadoras e a racionalidade cerceadora que produz noções assimétricas, incompletas até para as áreas a que são destinadas. Para ele, uma disciplina não é suficiente para reunir um conhecimento e todos os problemas que lhe dizem respeito, pois há noções ricas que “circulam e, com frequência, atravessam clandestinamente as fronteiras, sem serem detectadas pelos alfandegueiros” (MORIN, 2000, p. 108).

Se a vida e o contexto social são fenômenos complexos, não deveremos “vigiar” fronteiras, mas realizarmos travessias, evitando pensamentos unilaterais próprios de uma educação fragmentária, como se costuma verificar nas separações de áreas do saber, nomeadas para determinados propósitos e compartimentadas nos seus espaços. O aprendizado da economia de um país, para mencionarmos uma situação cotidiana, diz respeito às ações de saúde, de sociologia, de psicologia, de tecnologia, de educação e, não apenas, aos tratados do domínio econômico.

Em suma, importa aos sujeitos sociais no todo coletivo que os constitui.

Por isso, tanto Freire quanto Morin afirmam, nos seus postulados, que o pensamento transdisciplinar necessita de estímulo para gerar o espírito associativo, a capacidade de ajuda mútua, a aprendizagem colaborativa e solidária, metas possíveis a partir da convergência entre os campos e seus diversos saberes. Necessitamos assim criar “cabeças bem-feitas”, no dizer moriniano, capazes de conferir sentido aos conhecimentos e estabelecer relações pertinentes entre eles, numa concepção educacional e comunicacional, que conteste e que perturbe, nas palavras de Morin (1973), “não só as fronteiras estabelecidas, mas também as pedras angulares dos paradigmas” (MORIN, 1973, p. 20).

Logo, parece fazer sentido cogitarmos ideias e teorias que se unam para propor alguma ferramenta de libertação das “amarras” da racionalidade instrumental paradigmática, com o intuito de flexibilizar as mentes para transpor as barreiras comuns das formas de pensar que insistem em separar especialidades em compartimentos incomunicáveis ou que, pelo menos, sejam capazes de dialogar noutras direções, “oxigenando” os debates já constituídos, de maneira a fazer ecoar uma polifonia discursiva que pode ser multiplicadora das potencialidades sociais.

4 O I EnEducom/UEPB: o relato de experiência de alguns eixos temáticos

A Educomunicação, como já mencionado, é uma área do conhecimento que estabelece o diálogo entre Educação e Co-

municação, enfatizando a produtividade da utilização/transposição/transformação de meios da esfera midiática como suportes didáticos. A ênfase está na preocupação em desenvolver no aluno a capacidade de se posicionar criticamente diante da sua realidade social.

Trazer para o espaço escolar o uso de recursos midiáticos se justifica pela necessidade de refletir sobre Educação e Comunicação, visto que ambas instâncias letradas, escola e mídia, buscam informar o indivíduo na perspectiva da formação, da construção identitária de um sujeito que pensa e que age ativamente na sua sociedade. Esta prática reforça a função pedagógica emitida pela produção de conteúdos informativos em textos midiáticos e estimula a formação de um sujeito crítico-reflexivo, objetivo principal da Educação.

Com o tema “Construindo saberes, (in)formando sujeitos críticos”, o encontro objetivou discutir, junto à comunidade acadêmica e profissionais da Comunicação e da Educação, o campo da Educomunicação, no sentido de socializar e construir conhecimentos nesta área.

O evento se constituiu pela oportunidade de fomentar atividades desenvolvidas no âmbito da Educação que consideram a relevância das diferentes dimensões formadoras como possibilidades de ação crítica, dentre elas, a mídia. A seguir, apresentamos o relato de experiência de alguns eixos temáticos.

• **O profissional em Educomunicação**

Vinculada ao eixo temático “Comunicação e Educação: caminhos metodológicos rumo à pluralidade teórica”, a palestra

da Prof^a Ma. Danielle Andrade Souza, coordenadora da graduação em Comunicação Social – Educomunicação – da Universidade Federal de Campina Grande versou sobre a legitimação do conceito de Educomunicação. A professora falou sobre este campo a partir da concepção de processo. Para tanto, discutiu os seguintes tópicos: Educação para os meios (reflexão crítica da mídia), Educação pelos meios (Recepção crítica da mídia), Educação com os meios, Educação sobre os meios, Educação a partir dos meios e Educação nos meios (emprego dos meios modernos em sala de aula: Rádio – TV – Jornal).

Por se tratar, especificamente, da questão da profissionalização do educador, Danielle Souza traçou o perfil do curso, apresentando-o a partir da noção de eixos de formação, a saber: Formação humanística e educacional, Formação em Processos Comunicacionais, Formação Profissional e Linguagens. A professora ainda apresentou o que configura o perfil do profissional em Educomunicação, ratificando as palavras de Soares (2011) quando fala sobre a formação do educador.

• **A comunicação institucional e a Educomunicação**

A palestra da professora Fátima Luna (UEPB) e da presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)/Campina Grande, Margarida da Motta Rocha, apresentou um projeto que a APAE/Campina Grande desenvolve com práticas educacionais, por meio de um plano de gestão de comunicação organizacional.

Segundo as palestrantes, este projeto busca priorizar as atividades de caráter infor-

mativo das ações sociais da APAE/Campina Grande a curto, médio e longo prazos, tanto junto ao seu público interno, quanto ao seu público externo e, em especial, a sociedade, através da elaboração de releases, atualizações do site institucional e produções de um *house organ* denominado de “Um novo olhar”.

- **O rádio no contexto da Educomunicação**

De que forma é possível o comunicador contribuir para a distribuição de valores e conhecimentos que possam, efetivamente, melhorar a qualidade de vida da população? Como a mídia promove sentido e representações em busca dos múltiplos interesses, demandas e reivindicações caracterizadas na sociedade contemporânea? Estes foram os questionamentos iniciais trazidos pela professora da UEPB, Goretti Sampaio, em sua apresentação. Através de um percurso histórico, a professora abordou o papel da “RádioEducação” dos anos 30 do século passado aos dias atuais, enfatizando a necessidade de um novo modelo de comunicação social cujo foco esteja na formação de sujeitos cada vez mais participativos.

- **A complexidade e a Educomunicação**

Sob a dialética entre educação, comunicação e saber, a professora Robéria Nádia Araújo Nascimento (UEPB) explanou sobre o princípio da complexidade moriniana de educação multidimensional e sobre os pilares educacionais freireanos de alteridade, comunicação, cultura e ética. A pesquisadora ressaltou a possibilidade, nos dias de hoje, da construção

de saberes transversais no contexto de uma educ(omunic)ação para a liberdade, para o pensamento complexo e emancipatório.

- **A socialização de pesquisas acadêmicas em Educomunicação**

O trabalho de Iolanda Paula de Lima Brito Mata teve como uma de suas inquietações discutir sobre a inserção da mídia como recurso capaz de auxiliar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, por meio de uma discussão sobre a Pedagogia da Comunicação e as interfaces potenciais entre mídia e contexto escolar, a pesquisa, uma Análise de Conteúdo, considerou a relevância da interconexão entre mídia e escola como fator determinante para a formação, democrática, de sujeitos cidadãos.

Já a pesquisa-ação de Manassés Morais Xavier investigou a relação dialógica-dialética entre tecnologia, comunicação e educação, a fim de proporcionar ao aluno do ensino médio o acesso à produção jornalística realizada no ciberespaço, fazendo com que este aluno mantenha-se informado a partir dos recursos da *Web*. Uma das inquietações do trabalho se configurou na possibilidade de estimular os alunos participantes a fazerem da *Internet* um ambiente de busca de informação e não, apenas, de entretenimento. Em linhas gerais, a pesquisa suscitou a reflexão acerca de práticas educacionais que objetivam a (in)formação de sujeitos críticos.

5 Considerações Finais: a repercussão da construção de novos saberes

O que pode sobressair dessa tentativa aglutinadora entre os âmbitos da comunicação e da educação? O resultado de um aprendizado decorrente da interação social e construído com a compreensão das complexidades inerentes às áreas de conhecimento sinaliza um projeto desejável para tecer culturas mais solidárias e histórias de vida entrelaçadas no meio social.

Sob a inspiração do raciocínio moriniano, não basta “informar” as pessoas. Se quisermos concretizar um protótipo de educação integralizadora, precisamos “formar” e “re-formar” seres humanos com mentalidades abertas. Para tanto, torna-se necessário admitir as faces de comunicação presentes tanto nos contatos interpessoais quanto nas interferências midiáticas que atravessam a sociedade. Originando, por esse caminho, um conhecimento educacional que não preveja relações centralizadoras, de caráter unilateral e acabado, como se o saber partisse de um ponto (ou de um ser) específico para alcançar outro, através de instâncias e hierarquias; ou partisse somente de instituições autorizadas para transmiti-lo ou fazê-lo circular.

Esse saber transdisciplinar torna-se assim um novo conhecimento, organizado de modo espontâneo e colaborativo, a partir de dinâmicas retroativas inteligentes marcadas pela não linearidade, capazes de valorizar a cultura humanista, a ciência com consciência, os conteúdos mostrados nas produções televisivas, cinematográficas, artísticas, que

podem migrar para o espaço da sala de aula e dialogar com os saberes instituídos.

Ao falarmos na ótica transdisciplinar, mencionamos relações cognitivas que possam emergir de matrizes diversas de um aprendizado reconstruído pela própria vida: decorrente da memória, da percepção, das falas, da convivência, das entrelinhas, dos textos e subtextos, dos hipertextos, das interfaces epistemológicas, das trocas intelectuais e dos saberes da tradição; e não somente de relações formais desenvolvidas em ambientes educativos norteados por objetivos planejados. Um conhecimento que entenda a possibilidade de transformação educacional “do ser” social para além da noção de escola, incorporada a uma atividade comunicacional incessante (NASCIMENTO, 2007, p. 32).

Imbuído desse espírito, o I EnEducom/UEPB se propôs a discutir processos e iniciativas convergentes desenvolvidas por docentes e pesquisadores para além de experiências reprodutivas ou mecânicas de memorização normativa de saberes, investindo nas trocas e nas atitudes reconstitutivas de aprendizagem que pudessem favorecer o criar, o perguntar, o descobrir na esfera da educação e da comunicação.

A realização do encontro em 2011 suscitou o estabelecimento de horizontes de expectativas por parte da Universidade Estadual da Paraíba, do Departamento de Comunicação Social, dos organizadores e dos participantes para que em 2013 ocorra o II EnEducom/UEPB. Nesse sentido, os planos já estão sendo traçados de modo que no próximo ano o formato logístico do evento será ampliado, através, por exemplo, da criação de Grupos de Trabalhos que darão a oportunidade de pesquisadores, professores, comunicadores, estudantes e sociedade em

geral socializarem e publicarem, com registro científico, pesquisas em gestação, em andamento e/ou em conclusão/concluídas no campo da Educomunicação.

O que aprendemos com o encontro em 2011 diz respeito à concepção de que a semente plantada, em quatro dias, produziu repercussões significativas sobre a necessidade de novas interações sociais para construir saberes nas faces e interfaces de uma (in)formação multifacetada, transdisciplinar e educ comunicativa do conhecimento.

Referências

- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (2001), *Comunicação e educação*. São Paulo: Hacker Editores.
- FAZENDA, I. (1979), *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola.
- FREIRE, P. (1983), *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JAPIASSU, H. (1976), *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.
- MELO, J. M. et al (Orgs). (2006), *Educomídia: alavanca da cidadania e o legado utópico de Mario Kaplún*. São Paulo: Metodista.
- MORIN, E. (1973), *O paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- _____. (2000), *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (2005), *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina.
- NASCIMENTO, R. N. A. (2007), *A complexidade como matriz de uma nova ecologia cognitiva*. Tese de Doutorado em Educação. PPGE/UFPB. João Pessoa.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. (1997), *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: UNB.
- SOARES, I. O. (2011), *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas.